

Documento de Posição (modelo II)

Tópico: Mudanças Climáticas
Comitê: Ciência e Tecnologia para o desenvolvimento
País: Reino Unido

Com o crescimento populacional acelerado, o desenvolvimento sustentável torna-se um desafio cada vez maior para este século. Nos últimos anos, ocorreram mudanças extraordinárias. Os anos mais quentes do século XX aconteceram na década de noventa. O processo está se acelerando e, em alguns lugares do planeta, principalmente nas regiões mais pobres, os efeitos serão catastróficos.

Até 2100, a concentração de dióxido de carbono na atmosfera terá atingido níveis entre 90 e 250% mais altos do que em 1750. Aumentos de temperatura sem precedentes nos últimos 1000 anos ocorreram no século XX, e a temperatura global deverá aumentar 6º Celsius em relação a 1990 nos próximos cem anos. Até 2025 cerca de 2/3 da população da Terra sofrerá algum tipo de falta de água. Ao mesmo tempo, ocorrerão também chuvas e enchentes mais severas, além de tempestades mais frequentes.

O número de pessoas atingidas por secas deverá duplicar até 2025, muitas das quais vivendo na África. Grandes extensões de florestas tropicais deverão ser perdidas na África e na América do Sul. Haverá um aumento de enchentes, erosão de solos, risco de epidemias, juntamente com a diminuição da lavoura. Os desertos aumentarão. Doenças se espalharão. Muitas espécies de plantas e vida silvestre deverão desaparecer. Assentamentos humanos em áreas costeiras, como no Senegal, Egito e Bangladesh provavelmente sofrerão inundações. Outros países, como a Tanzânia, verão seus rios secarem. Os gastos com adaptação a essas mudanças deverão atrasar ainda mais o desenvolvimento dessas nações.

Na Grã Bretanha, estão previstos invernos mais chuvosos, verões mais secos, eventos extremos e altos índices pluviométricos crescentes. Se o nível do mar aumentar ao longo deste século como está previsto, as tempestades e enchentes que costumam ocorrer a cada cem anos estarão ocorrendo até a cada 4 anos. Muitas plantas que conhecemos tão bem hoje em dia provavelmente desaparecerão; outras que consideramos exóticas se tornarão comuns; muitos dos nossos animais e insetos serão forçados a migrar para o Norte ou irão simplesmente desaparecer. Seria uma irresponsabilidade tratarmos essas previsões como se fossem alarmistas. Elas representam a opinião de alguns dos maiores cientistas do planeta e não podemos nos dar ao luxo de ignorá-las.

A partir de Kyoto, o RU se comprometeu a reduzir suas emissões em 12,5%, mais do que o dobro da redução proposta pelo compromisso. Existem medidas que podem ajudar o setor empresarial a melhorar o consumo de energia, estimular investimentos em tecnologia limpa e reduzir custos: o pacote de taxa de Mudanças Climáticas (Climate Change Levy - CCL), que inclui acordos pela melhoria de eficiência energética em setores intensivos; o Fundo do Carbono, que ajudará a reciclar mais de 100 milhões de libras esterlinas em recibos da CCL para agilizar a adoção de tecnologias econômicas e de baixa emissão de carbono; implantação de um esquema de comércio doméstico de carbono, a ser iniciado em 2003-4, com 30 milhões de libras

esterlinas em incentivos financeiros. As fontes renováveis e a geração de qualidade por termoelétricas também estarão isentas da CCL.

É preciso políticas que estimulem a geração de energia mais eficiente. Existem medidas para promover eficiência energética no setor residencial também. Até 2003 os investimentos nesta área serão dobrados. Entretanto, a fim de enfrentar as mudanças climáticas, será preciso também uma atitude mais radical, reunindo o setor empresarial, tecnologia e proteção ambiental. A tecnologia ambiental limpa está prestes a se tornar uma das grandes ondas na próxima revolução da economia do conhecimento.

Esperamos que essas questões ocupem um lugar central na agenda do governo britânico nos próximos anos. Já iniciamos os preparativos para a “Rio+10”, e os departamentos do governo já estão trabalhando para envolver o setor empresarial e as ONGs. Sempre haverá dilemas nas políticas ambientais, embora não tenhamos dúvidas de que, no longo prazo, só há vencedores quando se busca o desenvolvimento sustentável; no curto prazo, o caminho freqüentemente implica sacrifícios. Ao mesmo tempo, existe hoje um sentido de urgência intenso em relação a isso. A Grã Bretanha nada pode sozinha, mas podemos estabelecer um referencial em casa e construir uma liderança no exterior.